

AUTOENGANO

É POSSÍVEL SE AUTO ENGANAR?

Jefferson de Souza Maia¹

RESUMO: o ato de enganar é corriqueiro e lógico, nos termos X engana Y: o político dissimulado promete, a criança mimada choraminga para alcançar seus objetivos, o galã sedutor entoava juras de amor para arrebatá-la, o praticista sonega o imposto do produto vendido, o estudante preguiçoso pratica o plágio. Não há segredo. Enganar significa: fazer crer a alguém algo que não é verdadeiro. Mas o que acontece quando X engana X? Embora seja difícil reconhecer, nos enganamos demasiadamente, isto é, nos auto enganamos tanto ou mais do que enganamos a outrem. O auto-engano está para o ser humano assim como a liberdade da escolha está para Sartre: é uma condenação. Tanto que adiantamos o despertador para não perdermos a hora; sempre achamos que estamos com a razão no trânsito; criticamos o político corrupto, mas furamos a fila do banco; só levamos realmente a sério os argumentos que sustentam nossas crenças. Além disso, temos a nosso próprio respeito uma opinião que quase nunca coincide com a extensão de nossos defeitos e qualidades. Este trabalho trata disso: o auto-engano como mentira que contamos a nós mesmos. Esse fenômeno é aqui analisado sob o princípio delfico do *conhece-te a ti mesmo* – defendido por Sócrates numa visão crítica e indagadora sobre as crenças e paixões que nos governam – a partir da interpretação sobre o livro *O Auto-engano*, do economista brasileiro Eduardo Giannetti da Fonseca.

PALAVRAS-CHAVES: Auto-engano. Enganar. Conhece-te a ti mesmo. Eduardo Giannetti.

ABSTRACT: The act of to deceive is unexceptional and logic, X deceives Y: the underhanded political promises, the spoiled child whimpers to achieve its goals, the seductive man intones vows of love to snatch his Dulcinea, the hawker withholds the product price that he sells, the lazy student plagiarizes. Do not have secrets. Deceive means: do someone believes in something that is not true. But what happens when X deceives X? Although it is difficult to recognize, we deceive ourselves overly, that is, self-deceives, so or more than the others. The self-deceive is for the humans as the liberty choice is for Sartre: it's a condemnation. We advance the alarm to not lose the hour; always think that we are right in the traffic; criticize the corrupt politicians but stick to the queue in the bank; take really seriously only the arguments that support our beliefs. Furthermore, we have an opinion about ourselves that almost never coincides with the extension of our qualities and defects. Here this phenomenon is analyzed under the Delphic principle of know yourself – defended by Socrates in a critical and inquiring view of the beliefs and passions that govern us – from the interpretation of the book *O Auto-engano*, by the Brazilian economist Eduardo Giannetti.

KEYWORDS: Self-deceive. To deceive. Know thyself. Eduardo Giannetti.

¹ Professor da rede estadual de educação da Bahia no Colégio Estadual José de Souza Machado. Mestre em Ciências Sociais e Humanas (PPGCSH/FAFIC/UERN). Licenciado em Filosofia (DFI/FAFIC/UERN). E-mail: jecpm22@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Todo ente humano, como especifica Eduardo Giannetti, é composto por crenças, paixões e valores. Essas características dependem, em parte, do meio social em que um determinado indivíduo está localizado, havendo uma cultura distinta para cada grupo social distinto e, conseqüentemente, um novo tipo de indivíduo, existência ou de ser. Historicamente a diferença entre culturas totalmente distintas ou semelhantes em alguns aspectos, é claramente percebida por sociólogos, antropólogos, etnólogos, historiadores e demais estudiosos que circundam a problemática antropológica e interrogativa “O homem, quem é ele?”. Nessa perspectiva, podemos fazer comparações entre tipos de culturas em diferentes áreas do conhecimento humano, tais como política, filosofia, ética, ciência, culinária e etc.

Na religião, por exemplo, é sabido que a humanidade sempre procurou modos de expressar seu fascínio pelo mistério da criação e, de fato, no geral, todas as culturas – passadas e presentes – criaram explicações religiosas ou místicas para tentar entender, de alguma forma, não só nossas origens, mas também a origem de todo o cosmos. Na religião hindu, a natureza tem um tempo circular, isto é, a criação é repetida eternamente, em um ciclo de criação e destruição, simbolizado pela dança rítmica do deus Xiva. Nos Estados Unidos os índios Hopi, explicavam a criação através de duas personagens, Taiowa – o criador que representava o Ser – e Tokpela – o espaço infinito –, representando o não-ser. Nesse mito, o infinito cria o finito, dando forma concreta à matéria. Outra versão da criação é o mito assírio que começa com cinco deuses, Anu (o poder do céu ou do ar), Enlil (o poder da terra), Shamash (o Sol ou o fogo), Ea (a água) e Anunnaki (o destino), discutindo a criação do mundo, que começa quando os quatro elementos se unem com o tempo e passam a dar forma ao mundo e à vida.

Observar o universo e a natureza em geral sempre ocasionou no ser humano sentimentos de admiração e perplexidade, de modo que “saber” ou ter conhecimento de como o mundo natural age desencadeou no animal pensante a necessidade de alguma explicação que pudesse situá-lo naquele ambiente recôndito. Atualmente três grandes religiões monoteístas respondem à questão sobre a origem do universo: Catolicismo, Judaísmo e o

Islamismo. No primeiro livro do antigo testamento (Gênesis), Deus, que é eterno, onipresente, onisciente e onipotente, dá origem ao universo a partir do nada, mas não vem de lugar nenhum, apesar de ser onipresente. Para os judeus, cristãos e muçulmanos Deus é a primeira causa. As religiões usam os deuses para resolver o dilema: “a estratégia funciona bem, já que as leis das físicas e o bom senso não se aplicam aos deuses” (GLEISER, 2012, Pág. 22).

O fato importante e fundamental é que esses mitos, a respeito da criação do universo, representam um exemplo compreensível para ilustrar a verdadeira problemática a ser debatida. Independentemente da verdade ou veracidade desse modo de explicação ou discurso acerca da natureza e do cosmos, quando um ente acredita numa dessas explicações, para ele, tal explicação representa a verdade inexorável. E verdade, nesse aspecto, significa que essa autenticidade se torna parte da própria estrutura da mente do indivíduo, definindo essencialmente o ente (desejos, paixões, vontades).

O neurocientista e filósofo Sam Harris explica:

Uma crença é uma alavanca que, uma vez acionada, move quase tudo o mais na vida de uma pessoa. Você é um cientista? É liberal em política? É racista? Todas essas são apenas vários tipos de crenças em ação. Suas crenças definem sua visão de mundo; elas ditam o seu comportamento; são elas que determinam as suas respostas emocionais para com os outros seres humanos. (HARRIS, 2009, p. 10)

Optar por acreditar em alguma religião é uma escolha da esfera ética, ou seja, que diz respeito ao próprio indivíduo, o problema consiste na relativização causada pela pluralidade de “verdades” propagadas. Na antiguidade, por exemplo, os diferentes povos viventes – assírios e babilônicos, chineses e indianos, egípcios, persas e hebreus – tinham suas próprias ideias e explicações para os fenômenos e processos naturais. Com tantas explicações a respeito de uma mesma problemática, pensaram e indagaram os gregos antigos, qual explicação seria genuinamente a verdadeira? Mas como saber se a explicação religiosa acatada é a verdadeira? Qual é o melhor critério para definir qual explicação ganhará a insígnia da veracidade? Existe alguma outra forma de explicar o cosmos que não de forma religiosa? Para o católico, o islâmico está enganado, da mesma forma que a recíproca é verdadeira e, para o ateu, ambos estão enganados, pois estão ignorando explicações científicas – baseadas em evidências – que contradizem as alegações sobrenaturais. Entretanto, a ciência

não sacia a vontade de saber do ser humano e não oferece respostas indubitáveis, já que o próprio fundamento da ciência consiste em tentar refutar paradigmas estabelecidos visando um avanço no saber científico, sem que haja a ideia ilusória de um saber final. Verdades e tautologias à parte, pensar sobre nós mesmos e sobre as crenças que fielmente acreditamos não é uma tarefa fácil, é verdade, principalmente de maneira crítica e, exige um elevado grau de maturidade intelectual, por assim dizer, repensar nossas ideias. Parafraseando Lya Luft: “Pensar dói”. (LUFT, 2014, p. 71)

Mas afinal, quem está articulando a explicação verdadeira? Ou mais importante do que chegar a uma verdade de modo inexorável: é possível que alguma cultura esteja enganada sobre alguns de seus aspectos mais fundamentais? Qual é a probabilidade de erro para aquilo que acreditamos e consideramos verdade? Embora a tarefa de chegar à uma verdade seja uma empreitada excessivamente complexa, uma coisa parece certa: não importa a argumentação contrária, o religioso continuará tendo certeza que sua religião é a única que possui a verdade sagrada e a certeza da boa vida após a morte entre milhares de outras religiões. Tal postura que por vezes elimina a reflexão acerca dos outros e de si mesmo acaba quase sempre em enganos, individuais ou coletivos, enganado ou auto-enganando.

Em todas as áreas do conhecimento humano (ciência, filosofia, ética, política etc.), corremos o perigo de aceitar certos fatos ou explicações como verdades incondicionais e a partir dessa perspectiva ignorar todo tipo de conhecimento que abale nossa estrutura, intelectual e conceitual, a respeito do entendimento do mundo e das coisas. De alguma forma, o ser humano ignora circunstâncias e fatos para adequar sua crença de modo a supervalorizar seu posicionamento em relação aos demais.

Ocorre, porém, que há grandes chances de estarmos enganados sobre algumas de nossas crenças mais íntimas. Ele, o homem, “quer as consequências agradáveis da verdade, que conservam a vida; frente ao puro conhecimento sem consequências ele é indiferente, frente às verdades possivelmente prejudiciais e destruidoras, ele se indispõe com hostilidade, inclusive” (NIETZSCHE, 2007, P. 30). A partir da “fuga das verdades prejudiciais”, ou seja, das razões para repensar as concepções individuais ou coletivas adotadas por nós, o ser humano embarca em um processo de justificação para conservar suas crenças. Cria-se uma

mentira, através de justificações ilógicas e parciais, e depois passa a acreditar na mesma como verdade, caracterizando, dessa maneira, o auto-engano.

É importante reconhecer que no teatro da vida mentimos para nós mesmos o tempo todo: torcemos desesperadamente pelo o time de futebol, trapaceamos para conquistar objetivos próprios (Nietzsche entendeu bem isso: “eu fiz isso”, diz minha memória, “não posso ter feito isso”, diz meu orgulho, continuando inflexível até que a memória cede) acreditamos nas juras da pessoa amada (o apaixonado gosta de acreditar que é uma vítima da flecha do Cupido, quando provavelmente é vítima da carência, solidão e insegurança, alguém que está louco para renunciar à responsabilidade e tem mais talento para a fantasia do que para a consciência ou a compreensão), só levamos realmente a sério os argumentos que sustentam nossas crenças, além disso, temos a nosso próprio respeito uma opinião que quase nunca coincide com a extensão de nossos defeitos e qualidades.

Até que ponto é conveniente defendermos nossas opiniões e ideias? Qual é a fronteira do sonho necessário para impulsionar a vida para o do sonho exageradamente distante das possibilidades reais de ação prática? E sob a ótica avessa, podemos viver sem o auto-engano?

Quem somos? Por que acreditamos no que acreditamos? Como viver? Os problemas essenciais da nossa existência e da realização humanas não respeitam fronteiras acadêmicas e convenções catalográficas. O saber especializado avança, o mistério e a perplexidade se adensam. Eliminar falsas respostas é mais fácil do que enfrentar as verdadeiras questões. O que afinal sabemos sobre nós mesmos? A racionalidade orienta mas não move; a ciência ilumina mas não sacia; o progresso tecnológico acelera o tempo e abre o leque mas não delibera rumos nem escolhe os fins. O universo subjetivo no qual vivemos imersos é tão real quanto o mundo objetivo no qual trabalhamos e agimos. A relação mais íntima, traiçoeira e definidora de um ser humano é a que ele trava consigo mesmo. (GIANNETTI, 2005, p. 9)

Os questionamentos acerca do auto-engano e sobre quem realmente somos assoalha um catatau de inquietantes debates, inclusive, de si consigo mesmo. Identificar as características positivas e negativas de maneira reflexiva e crítica é a postura cética ideal para com a problemática do auto-engano.

É preciso, contudo, estar atento para algumas particularidades da arte de se auto-enganar. Há dois problemas relacionados às mentiras que nos contamos: primeiro que não trazem seu nome verdadeiro estampado na fronte. É preciso, por isso, analisar os

MAIA, Jefferson

caminhos que nos levam até elas: encontraremos, através dessa postura filosófica de caráter radical (mas não no sentido pejorativo do termo), a origem de grandes conquistas e alegrias, é verdade, mas também dos sofrimentos que muitas vezes causamos a nós mesmos e às pessoas que nos cercam. Reflexão profunda e original sobre a necessidade que tem o ser humano de iludir a si mesmo, do mesmo modo com relação às implicações éticas dessa tendência na vida pública e na vida privada. Segundo, porque é surpreendente observar com o autor este aspecto tão presente e tão ignorado por nós em nosso dia a dia, que é o auto-engano. E também, diga-se de passagem, tão necessário, porque, sem essa faceta interna ou intersubjetiva de nosso comportamento, a vida não só seria insuportável como desprovida de maiores feitos, ou seja, a racionalidade caduca e exagerada inibiria todos os sonhos referentes às realizações e aspirações pessoais. Muitas vezes precisamos enganar a nós mesmos como modo de conviver com circunstâncias indesejáveis, bem como para trabalhar visando determinado objetivo, por mais que tudo vá contra nosso intento. Não há como ser diferente, o ser humano parece estar designado, seja por fatores biológicos ou sociais, a ter e a conviver com tal fenômeno e, como veremos o auto-engano possui a característica de onipresença na natureza, desde os mais simples organismos, sempre “enganando” o ambiente e os outros seres com vista a própria sobrevivência, como as amebas, até o autodenominado homem da ciência moderna.

● QUÊ DE QUADRATURA CIRCULAR DO AUTO-ENGANO

À primeira vista, a ideia do auto-engano enquanto tal esbarra em uma contradição. É o problema filosófico por excelência do auto-engano. Como é possível que um ente minta para si mesmo e depois acredite na mentira como verdade? Giannetti indaga:

Para que eu me engane com sucesso, dentro do modelo proposto, é preciso que eu minta para mim mesmo, e ainda por cima acredite na mentira. Mas como pode alguém simultaneamente não acreditar e acreditar em algo? Como aceitar de bom grado a mentira que tento contar-me? [...] Seria como acreditar no que não acredito ou fingir não saber o que sei. Quando tento mentir para mim mesmo, sei o que sei, sei que estou mentindo e perco o crédito que meu interlocutor, no exemplo da mentira interpessoal, depositara em mim. É como tentar fazer cócegas em si mesmo: não funciona. (GIANNETTI, 2005, p. 111-112).

Conclui-se então que o auto-engano é uma simples quimera? Não exatamente, pois assim como várias problemáticas, que ao longo da história da filosofia foram questionadas somente pelo crivo da racionalidade, é na ação prática que podemos detectar a existência do auto-engano, isto é, é na *práxis* que o auto-engano pode ser analisado. Aparentemente a ideia do auto-engano agride ao princípio aristotélico e lógico da não contradição, entretanto, essa aptidão não é exclusividade da problemática sobre o auto-engano. Por exemplo, a ideia de amor romântico corre pela mesma diagonal. Tal ideia é bastante simples: encontrar alguém que seja agradável de conviver na forma de casal e que juntos consigam ter um relacionamento próspero, bastante atrativo e, de preferência, que não oscile entre a insegurança, de modo que haja total compatibilidade entre os desejos do par ou da parilha, são “os acordes da rumba da espécie; o clamor do imperativo biológico-genético – cresci e multiplicai-vos! –; o acordo inesperado das partículas de um fogo devorador” (GIANNETTI, 2010, P. 226). Mas o que acontece quando, de repente, uma estudante de informática, praticante da religião espírita, afeiçoada por forró, carnaval e filmes de terror dá de cara com um estudante de filosofia, ateu, que gosta de ficar em casa lendo e jogando videogame? A paixão parece improvável, mas nem tanto. Não importam as diferenças, é a escola de Stendhal – basta um grau muito pequeno de esperança para que nasça o amor. O amor não respeita convenções ou barreiras.

Outro exemplo que na teoria parece estar destinado ao fracasso, mas que se revela próspero na prática foi escrito pelo filósofo Friedrich Nietzsche em seu livro *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. No livro Nietzsche separa a história em tradicionalista (monumental e antiquário) e a histórica crítica. Nietzsche propõe o meio termo para a convivência de ambas, uma vez que a história tradicionalista serve para fortalecer as crenças e conservar hábitos que auxiliam o ser humano na sobrevivência (valor educativo) e a história crítica para destruir tudo aquilo que atrapalhe o crescimento e evitar que a história não tenha o sentido de copiar e colecionar, mas que tenha a potência de superar e revolucionar a própria tradição. A primeira serve para conservar a cultura; a segunda critica a primeira sempre com o intuito de mudar. Como pode a segunda conviver com a primeira sendo que a primeira fortalece tudo aquilo que a segunda tende a quebrar? Novamente a ideia trabalhada somente pelo lado racionalista parece não fazer o

menor sentido, mas Nietzsche nos revela que na prática é possível quando dá como exemplo a cultura grega. A Grécia foi por muito tempo constituída por uma mistura de culturas estrangeiras, mas em um dado momento de sua história aprendeu a “organizar o caos” e fundar uma cultura autêntica e própria enriquecendo a cultura de seus antepassados. Os gregos mostraram empiricamente a união entre tradição e renovação e Nietzsche acentuou tal feito tornando-o como exemplo de superação cultural.

Uma partida de futebol é um campo – literalmente – em demasia de exemplos que contradizem a teoria. O time X disputará a final do estadual contra o time Y. A equipe X é da capital, a mídia favorece, possui melhor estrutura e a folha salarial dos seus jogadores é quase cinco vezes maior que a da equipe Y. No ramo de apostas quase cem por cento dos apostadores confiam na vitória do time X (por que quase com certeza apostaríamos na equipe X? Razões não faltam), até que, no decorrer da partida, em uma jogada inesperada, o centroavante da equipe Y consegue fazer uma bela jogada por pura sorte: o zagueiro do time rival escorrega deixando o atacante livre para balançar a rede adversária. O restante da partida segue uma só tônica: é dominada pela equipe X. Maior intensidade, mais chances claras de marcar o gol, maior posse de bola e melhor condicionamento físico, isso sem falar da qualidade técnica infinitamente superior. Mas não adianta, nada parece funcionar, o chute do camisa dez da equipe X parou na trave, o zagueiro sacrificado da equipe Y conseguiu evitar – chutando a bola para o mais longe possível – o gol em cima da linha da baliza e o juiz deixou de marcar o pênalti legítimo que ocorrera. Fim de jogo: a equipe Y superou a equipe X, se sagrando campeã pela primeira vez na história. Claro que a partida citada é um mero exemplo oriundo de um esforço especulativo da mente, porém, uma rápida análise na história do futebol evidenciará exemplos de sobra. A copa do Mundo de 1982 realizada na Espanha presenciou aquela seleção que talvez e, para muitos analistas do futebol, foi o melhor selecionado brasileiro. O time tinha feras como Sócrates, Zico, Falcão, Cerezo, Júnior, Oscar, Éder, entre outros no auge do condicionamento físico e, no entanto, não conquistaram o tão sonhado título mundial. Era de longe a seleção candidata ao título, mas na prática as coisas não aconteceram de forma lógica. Com três gols do italiano Paolo Rossi, o Brasil perdeu a partida por três tempos a dois frente ao selecionado italiano. Resta levar como lembrança o grande futebol apresentado por aquela equipe.

MAIA, Jefferson

Algumas máximas filosóficas dão o que pensar, quando passamos a analisá-las sobre o viés dessas possíveis contradições teóricas. Duas das, possivelmente, mais famosas e conhecidas máximas (até por pessoas que não costumam ter contato direto com obras clássicas da filosofia) da filosofia foram escritas pelos filósofos Jean Paul Sartre e Friedrich Nietzsche. Uma análise rápida do pensamento de tais filósofos se faz necessária para a defesa da possível contradição do auto-engano. O existencialismo ateu de Sartre o levou ao: “o homem está condenado à liberdade”. O pensamento de Sartre carrega no mesmo espaço de sintaxe o termo “condenado” e “liberdade”, o que nos leva a questionar: como o homem de Sartre pode ao mesmo tempo estar condenado e livre? Ora, um ente condenado, está, obviamente, preso e incapaz, significa um ente sentenciado a algo ou alguma coisa, portanto, onde Sartre pode ter encaixado o termo liberdade em seu pensamento de condenação? Sob a ótica teórica o pensamento da condenação à liberdade parece não fazer o menor sentido, mas encontramos confirmações que sustentam sua tese sob a ótica do mundo prático, ou seja, o que realmente Sartre estava tentando dizer, é que o ser humano terá que, constantemente e continuamente durante toda a sua existência, fazer escolhas. A liberdade de escolher, entre esse e aquele, se torna uma condenação na medida em que não há como fugir dessa responsabilidade, isto é, mesmo quando não escolhemos nada ou coisa alguma, tal posicionamento já se configura por si só em uma escolha. Nietzsche, por sua vez, conclamou: “Deus está morto”. Que pensamento emblemático! Suscitando inúmeros debates acerca de sua obra filosófica (mais do que filosófica, mas também poética e literária) “*Assim falou Zaratustra*”. Como entender essa máxima? Se Deus morreu, isso implica dizer que Deus existia ou existiu em algum momento, entretanto, como é possível que um deus, dotado de características como eterno e onipotente pode ter morrido? Tudo fica um pouco mais esclarecido quando entendemos que por morte de deus, Nietzsche se referia aos valores superiores, ou seja, valores que julgam a vida a partir de um ponto de vista superior à própria vida, ao qual o homem moderno, do século XVII havia deixado de lado através do seu niilismo passivo².

² Niilismo é uma palavra que vem do termo latim *nihil*, que significa nada ou nulidade. Em *Assim Falou Zaratustra* é possível identificar pelo menos quatro tipos de interpretações do niilismo proposto por Nietzsche. Há o *niilismo passivo*, que significa alguém que nega a vida e que não tem mais esperança nem em Deus (valores superiores) e também não acredita mais em progresso humano, ou seja, a ideia de que não há mais esperança; o *niilismo negativo* que afirma os valores superiores esquecendo a vida e sua plena realização na imanência; o

Como veremos o auto-engano ou o ato de nos enganarmos é tão comum quanto, por exemplo, a noção de gravidade e, embora sua ideia pareça agredir ao princípio da não contradição, no mundo prático e na ética cívica encontramos o seu nervo exposto.

AUTO-ENGANO EM FOCO

Como já foi dito, o fenômeno do auto-engano não respeita fronteiras acadêmicas ou geográficas. Ciência, ética, religião, política... Nada escapa. Dentro dos mais variados e antagônicos contextos é possível detectar a influência do auto-engano nos enredos que enveredam pelas nuances da vida humana.

Escritores e intelectuais como o biólogo Richard Dawkins, o neurocientista Sam Harris e o filósofo Daniel Dennett, comungam entre si uma ideia: a religião é uma ilusão ao qual o homem se apega para suportar a difícil experiência de estar vivo, mais do que um auxílio espiritual para a vida, sendo, em casos de fundamentalismo religioso, prejudicial à vida.

Sam Harris caracteriza a própria fé como obstáculo para a tolerância social, porque as religiões, de modo geral, dependem de uma ação: o ente acredita em determinadas verdades que não são valorizadas por meio de justificadas, mas apenas por meio da fé, de modo que a religião escolhida passa a ser isenta às críticas que normalmente serão lançadas às demais religiões (auto-engano):

Nossa situação é a seguinte: a maioria das pessoas deste mundo acredita que o Criador do Universo escreveu um livro. Por infelicidade, existem muitos livros desse tipo, e cada um alega que só ele, exclusivamente, é infalível. As pessoas tendem a se organizar em facções de acordo com qual dessas afirmações elas aceitam - todas incompatíveis entre si - e não com base no idioma, cor da pele, local de nascimento ou qualquer outro critério tribal. Cada um desses textos trata de instar seus leitores a adotar diversas crenças e práticas, algumas das quais são benignas, muitas outras não. Todos esses textos, porém, concordam perversamente em um ponto fundamental: o "respeito" pelas outras crenças, ou pelas opiniões dos outros descrentes, não é uma atitude que Deus aprova. Se é verdade que todas as religiões foram afetadas, aqui e ali, pelo espírito ecumênico, o princípio central de cada

niilista reativo que nega os valores superiores em nome do progresso da humanidade e por fim, o *niilismo afirmativo* que é aquele afirma sua vida diante de todas as circunstâncias e diante do momento, ou seja, *amor fati*, amar o momento em que o ente se encontra, é amar a vida com a máxima intensidade possível.

MAIA, Jefferson

tradição religiosa é que todas as outras são apenas repositórios de erros; ou, na melhor das hipóteses, são perigosamente incompletas. Assim, a intolerância é intrínseca a todos os credos. Uma vez que a pessoa acredite - *realmente* acredite - que certas ideias podem levar à felicidade eterna, ou então a antítese disso, ela não pode tolerar a possibilidade de que seus entes queridos possam ser desviados do caminho correto pela sedução dos descrentes. A certeza a respeito da vida futura é simplesmente incompatível com a tolerância nesta vida. (HARRIS, 2009, p. 11 - 12)

Daniel Dennett continua:

Em 2005 eu tomei conhecimento de um resultado. No norte da Nigéria - país que anteriormente tinha sido considerado provisoriamente livre da poliomielite - um grupo de religiosos islâmicos lançou uma proclamação, ou *fatwa*, declarando a vacina contra a poliomielite uma conspiração dos Estados Unidos (e, surpreendentemente das Nações Unidas) contra a fé muçulmana. Aqueles mulás diziam que as gotas eram projetadas para esterilizar os verdadeiros crentes. O objetivo e o efeito eram genocidas. Ninguém devia tomá-las ou administrá-las aos bebês. Em alguns meses a poliomielite tinha retornado, e não apenas ao Norte da Nigéria. Viajantes e peregrinos nigerianos já a tinham levado até Meca e a espalhado novamente para vários outros países livres da poliomielite, incluindo três africanos e também o distante Iêmen. (HITCHENS, 2007, p. 50-51)

Richard Dawkins acentua, quase em tom profético:

A religião pode colocar em risco a vida do indivíduo devoto, assim como a de outras pessoas. Milhares de pessoas já foram torturadas por sua lealdade a uma religião, perseguidas por fanáticos por causa de uma fé alternativa que em muitos casos é quase indistinguível. A religião devora recursos, às vezes em escala maciça. Uma catedral era capaz de consumir cem centúrias de homens em sua construção, e jamais foi usada como habitação, ou para qualquer propósito declaradamente útil. Não era uma espécie de cauda de pavão arquitetônica? A música sacra e os quadros religiosos monopolizaram em grande parte o talento medieval e renascentista. Gente devota morreu por seus deuses e matou por eles; chicoteou as costas até sangrar, jurou o celibato de vida inteira ou o silêncio solitário, tudo a serviço da religião. (DAWKINS, 2007, p. 217-218)

Hypatia de Alexandria - Alguns historiadores acreditam que ela tenha nascido no ano 370 - é um bom exemplo da forma como a fé, em alguns momentos, pode se tornar dogmática ao ponto de travancar pensamentos reflexivos acerca de nossos próprios erros. Filha de Theon (um dos diretores do museu de Alexandria e matemático), Hypatia direcionou sua vida para o mundo do pensamento elevado, por assim dizer, percorrendo de modo apaixonado a busca pelo desconhecido. Ela cresceu nesse ambiente especial, buscando o conhecimento de

si e dos outros e da Matemática, Astronomia, Astrologia e etc. Hypatia era conhecida e se apresentava como filósofa, cientista e erudita sendo a primeira mulher a se destacar na Matemática. Era uma excelente professora que dirigia uma escola neoplatônica. Era procurada por alunos de sua cidade e de outras regiões buscando seus ensinamentos. Era considerada uma fonte de conhecimento e até uma espécie de oráculo, tanta era sua sabedoria. Fato bastante ousado por se tratar de uma mulher, fato incomum para a sociedade de sua época.

Hypatia ficou mais conhecida com seus trabalhos no campo da matemática do que na astronomia, principalmente com as ideias das seções cônicas introduzidas por Apollonius. Ela editou esse trabalho tornando-o mais simples de compreender contribuindo para o desenvolvimento das hipérbolas, das parábolas e das elipses. Uma mulher importante no Mundo da Matemática, com um detalhe, a primeira. Mais tarde, Descartes, Newton e Leibniz ampliaram em seu trabalho. Com seu pai, ela escreveu um tratado sobre Euclides. Na verdade, era um desafio para a cultura machista da época, uma mulher tão grandiosa como Hypatia. Ela viajava muito e até mesmo conduzia a sua própria carroça, o que era um escândalo na época, pois onde já se viu uma mulher fazer tal coisa? E por conta dessas viagens ela era bem conhecida e exercia grande influência por onde passava. Exercia uma liderança na política e na luta contra as superstições que imperavam naquele momento da história, onde cristianismo e paganismo viviam em pé de guerra. No meio cristão era considerada uma criminosa e uma subversiva por seguir os princípios pagãos de Platão e Aristóteles. Como Matemática, os princípios de Pitágoras.

Por conta de tudo isso era odiada por Cirilo (bispo de Alexandria), fanático cristão. Orestes, seu opositor, era o regulador civil e amigo de Hypatia. Cirilo sentia um ódio mortal por essa mulher sábia e pagã e por isso instigou seus fiéis contra ela. Cirilo iniciou um movimento de oposição ao paganismo e a perseguia de forma acirrada. Quando a Filósofa estava conduzindo sua carroça como sempre o fazia, foi abordada pela turba enfurecida. Arrancaram Hypatia do seu veículo, rasgaram suas vestes e a arrastaram pelas ruas. E de forma cruel cortaram seu corpo com conchas afiadas, retalhando-o até a morte. Espalharam algumas partes do seu corpo pela cidade e depois queimaram o que restou na biblioteca de Caesarum. O pior de tudo, o papado homenageou esse cruel Cirilo por sua bravura em favor da sua religião cristã contra o paganismo de Hypatia. A morte de Hypatia ocorreu por volta de

415 d.c. Sua vida terminou de maneira trágica, mas a sua história permanece assim como suas obras. Por isso, ainda hoje ela é considerada, não somente como uma mulher da Ciência, da Matemática, mas também como uma grande filósofa.

Se por um lado a religião pode levar ao auto-engano, a ciência moderna, uma das áreas mais importantes à qual os ateus se apegam para tirar suas conclusões acerca da inexistência de alguma divindade, também pode estar, por vezes, equivocada. Saindo de um extremo para o outro: quando pensamos em ciência, por exemplo, é inevitável não lembrar e, de súbito, ter em mente algumas características, tais como a verdade, racionalização, o apego às experimentações ou provas empíricas, pensamento lógico e a linguagem matemática (principalmente a icônica $E = mc^2$).

À primeira vista, a ciência parece possuir um manual de lições básicas que serve de guia para alcançar algum resultado, isto é, um conjunto de regras metodológicas igualmente prestativas para todo tipo de ciência. Nada mais falso que essa ideia. A começar pela simetria matemática (um dos pilares da ciência que prevalece até os dias atuais) e a noção de que os números representariam o mundo tal como ele realmente é (o misticismo matemático de Pitágoras que influenciou demasiadamente o pensamento ocidental, de modo que sua crença em uma simetria perfeita da natureza forma o arcabouço das teorias de unificação da física moderna), ou seja, os algoritmos e suas relações matemáticas traduziam de forma racional e simétrica a perfeição do cosmos, logo, a essência da natureza estava nos números.

O filósofo pré-socrático Pitágoras, iniciou o misticismo matemático e, através, inicialmente, de Plotino e de outros neoplatonistas, o mito de Pitágoras avançou até a Idade Média, deslocando-se posteriormente à Renascença, até influenciar aquele que talvez se tornou o discípulo mais fiel da simetria matemática, Johannes Kepler. “Na tradição intelectual do mundo ocidental, o misticismo matemático de Pitágoras transformou-se na ponte entre a razão humana e a inteligência divina”. (GEISER, 2012, p. 50).

Ainda como estudante, o jovem Kepler dedicou-se a estudar a teoria copernicana da estrutura cósmica e estava convicto do heliocentrismo³, entretanto, queria demonstrar em proporções a criação divina. Através da geometria, ele intuiu como se determinava a estrutura

³ Nicolau Copérnico, em sua obra prima, *Sobre as Revoluções das Esferas Celestes*, demonstrava que o mesmo já estava convencido de que a Terra não era o centro do cosmo e nem tinha um papel especial na criação.

MAIA, Jefferson

do cosmos e como o movimento dos planetas se encaixavam na criação divina proporcionalmente. Para tanto, o físico alemão usou os chamados sólidos tridimensionais, isto é, figuras geométricas que possuem três dimensões, comprimento, largura e altura.

Essas figuras se distinguem dos sólidos bidimensionais: cubos, pirâmides, paralelepípedos, esferas cilindros etc.. Nenhum sólido tridimensional fechado poderia ser construído a partir de um objeto bidimensional e, em três dimensões espaciais existiam apenas cinco sólidos perfeitos, os chamados sólidos platônicos: cubo (seis quadrados), pirâmide (quatro triângulos equiláteros), octaedro (oito triângulos equiláteros), dodecaedro (doze pentágonos) e o icosaedro (vinte triângulos equiláteros).

Os sólidos tridimensionais se encaixavam com os sólidos planetários, de modo que entre cada sólido tridimensional, Kepler introduziu uma esfera (planeta) se encaixando um dentro do outro, totalizando a quantidade de seis esferas, isto é, os seis planetas (Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno) mais o Sol (para Kepler, o movimento dos planetas era possível devido a causas físicas, mais necessariamente uma força emanada do sol) no centro. Para o astrônomo tudo se encaixava geometricamente.

Além disso, Kepler lança em 1609, mas editado em 1596 (mesmo de forma rudimentar), o *Mysterium Cosmographicum* apresentando a estrutura dos sólidos perfeitos que representaria o verdadeiro movimento dos astros.

“Kepler passou anos buscando pela solução do desafio de Copérnico, a solução do *Mysterium cosmographicum*: ‘deduzi a forma do universo e as simetrias de suas partes’” (GLEISER, 2012). No *Mysterium Cosmographicum*, Kepler ainda era um astrônomo profundamente preso ao axioma platônico, tendo a mesma crença dos astrônomos gregos até sua época, a de que todas as hipóteses acerca dos movimentos celestes devem ser condicionadas ao princípio da circularidade e uniformidade.

Na segunda edição de *Mysterium Cosmographicum*, Kepler comentou: “quando Deus determinou a ordem dos corpos celestes tinha em mente os cinco sólidos regulares, famosos desde os tempos de Pitágoras e Platão até nossos dias”.

Acontece, porém, que mais tarde Kepler iria revolucionar a astronomia provando que as órbitas planetárias eram elípticas e não circulares. “É irônico (...), que justamente o homem

que tanto amava a simetria acabasse provando que o círculo – a mais perfeita das formas – não tinha um papel central na astronomia” (GLEISER, 2012).

Além, é claro, de sabermos hoje que na verdade o sistema solar é constituído não de cinco planetas, mas de oito⁴. Contudo, Kepler morreu tentando encontrar a simetria perfeita e matemática do universo mesmo após a descoberta das elipses.

O problema da luz no meio científico demonstra de forma clara e precisa a dinâmica do auto-engano. Primeiramente, o que é a luz? Os manuais de física são claros: é uma onda eletromagnética visível ao olho humano. Há mais um detalhe, existe um tipo de onda, classificada de luminosa, que é diferente de outras ondas comuns como, por exemplo, as ondas do mar ou as compressões causadas no ar quando falamos. Esses tipos de ondas, como explica o físico teórico Marcelo Gleiser (2012), "ondulam" em algo: um meio material serve de suporte para a sua propagação.

Qualquer onda, inclusive a luz, é um distúrbio que transporta energia através do espaço:

Quando jogamos uma pedra numa poça, a energia que a pedra transfere para a água é transportada em ondas concêntricas que partem do local do impacto. Quando falamos, nossos pulmões forçam o ar para fora do corpo, fazendo com que as cordas vocais vibrem. Essas vibrações, por sua vez, criam as variações na densidade e na pressão do ar que são detectadas como som pelos nossos ouvidos. (GLEISER, p. 77, 2012)

Entretanto, há um problema: se não existe ar, como é o caso do espaço ou na lua, por exemplo, não existe som. Tudo isso resulta em um dos grandes problemas da física: como a luz poderia atravessar o espaço se no mesmo não há o suporte material para a propagação da luz? Um problema científico merece, evidentemente, uma solução, logo, alguns cientistas do século XIX “criaram” uma solução: a luz se propagava por um meio misterioso que preenche o vazio cósmico denominado de éter, nome inspirado pelo filósofo Aristóteles. A única função de tal substância era fornecer suporte material para a propagação das ondas de luz. A

⁴ Não cabe aqui ridicularizar Kepler e sua criação por tal erro, pois se, na época, Kepler tivesse tecnologia suficiente para observar todos os planetas, certamente mudaria sua teoria. Quando se trata de ciência, é importante, lembra-nos o físico teórico Marcelo Gleiser, que os cientistas são passíveis de erros e a ciência sendo uma atividade humana, é imperfeita. Prova disso é a recente redução no número de planetas do nosso sistema solar, que passou de nove para oito com a demissão de Plutão a um “plutoide”, ou seja, à medida que conhecemos mais sobre o universo, mais temos chances de mudar nossas bases de conhecimento, isto é, o conhecer modifica o conhecido.

MAIA, Jefferson

suposição da existência do Éter era uma resposta aceitável, mas deficiente, porque essa substância implicava em novos problemas. Para permitir a propagação de ondas ultra rápidas, o meio material teria que ser ao mesmo tempo milhões de vezes mais rígido do que o aço e deveria ser um fluido sem peso ou fricção de modo a não atrapalhar as órbitas planetárias, além de ser perfeitamente transparente para não ofuscar a luz das estrelas. Outro agravante ainda pior foi o fato de em 1887, os americanos Albert Michelson e Edward Morley não conseguiram detectar o Éter em seus experimentos. A solução foi simples: os cientistas responderam que o Éter *tinha* que existir, simplesmente porque *tinha* que existir ou deveria *existir*, porque a natureza não poderia ser tão insensata.

Por volta de 1860 o físico escocês James Clerk Maxwell, já havia derivado equações que descreviam todos os fenômenos eletromagnéticos observados por Faraday e outros e, ao descobrir a relação matemática entre a matemática, eletricidade e magnetismo, suas equações revelaram que a luz é uma onda eletromagnética capaz de se propagar no espaço vazio com a incrível velocidade de 300 mil quilômetros por segundo. Albert Einstein também havia alertado, em 1905, para o fato de que a luz poderia se propagar sozinha no espaço vazio, mas os físicos da época estavam tão desesperados para confirmarem seus desejos que se tornaram míopes para observações relevantes que desclassificaram o Éter.

Devido à disputa antagônica entre religião e ciência, transcendência e imanência, respectivamente, nada melhor do que colocá-las em análise para o auto-engano, confirmando a tese de caráter universal da existência de tal fenômeno nas diversas áreas do conhecimento humano. A única diferença entre a religião e a ciência é que “(...) em ciência, a existência de uma entidade imaginária não costuma ser longa: mais cedo ou mais tarde, testes experimentais serão feitos, e a eficiência de uma dada hipótese será examinada em detalhe”. (GLEISER, 2014, p. 78).

TIPOS DE AUTO-ENGANO

Assim como há inúmeras maneiras de um determinado ente enganar outro, com o auto-engano não é diferente. Eduardo Gianetti dispõe, em sua obra sobre as mentiras que contamos a nós mesmos, de no mínimo quatro tipos de suceder tal fenômeno, contudo, o

MAIA, Jefferson

cérebro humano, responsável por nossa intersubjetividade ou processos neurológicos que condicionam o ser humano às experiências de uma vida, ainda se configura em um grande enigma mesmo após grandes avanços tecnológicos e científicos nas áreas da neurociência e da psicologia evolutiva, de modo que a possibilidade de existência de mais maneiras ou formas de nos auto-enganar seja, de fato, uma possibilidade real. Isso implica que podemos estar enganados sobre nós mesmos em relação a algum aspecto que ainda não percebemos, exatamente de modo inconsciente e não premeditado como ocorre com o engano. Eduardo Gianetti analisa, como já foi dito, quatro tipos de auto-enganos: intra-orgânico, manipulação de contra-informações, intrapsíquico e por justificação.

O auto-engano intra-orgânico se resume a química, logo, uma depressão, que nem sempre é ocasionada por motivos externos ao ser humano, isto é, podendo ser causada por desregulações de neurotransmissores como dopamina e serotonina, pode ser aliviada por um antidepressivo. A química injetada fará efeito mesmo que o paciente se lembre que está animado só porque tomou o remédio.

No auto-engano por manipulação de contra-informações, o segredo consiste na tentativa de manipular o ambiente de modo a alterar furtivamente certos hábitos e propensões, ocorrendo de fora para dentro do indivíduo. Giannetti também exemplifica:

Suponha que eu tenha um problema com horários e que, apesar de todos os esforços para me tornar mais pontual, continue chegando sistematicamente atrasados aos meus compromissos de aula e palestra. Uma saída viável nesse caso seria eu adiantar, digamos, em meia hora meu despertador e meu relógio de pulso, de forma a compensar o meu natural atraso. O segredo da tática é não lembrar. Enquanto "conseguir esquecer" que a informação que estou recebendo é falsa, a coisa funciona; mas se começo a lembrar da verdade a cada vez que consultar o relógio, passo a dar o devido "desconto" e volto à estaca zero. O problema, é claro, é que não posso lembrar de esquecer: o esquecimento tem que ser inocente como o atraso. (GIANNETTI, 2005, p. 39 - 40)

No auto-engano baseado por manipulações de contra-informações de fora para dentro do indivíduo é uma ramificação menor e secundária, segundo Giannetti, do auto-engano, sendo o auto-engano intrapsíquico o tronco principal. Nesse tipo de auto-engano, a mente da pessoa consegue de alguma forma manipular-se e iludir-se a si própria. "A boa fé subterrânea,

MAIA, Jefferson

por mais absurda e injustificada que eventualmente pareça aos olhos dos outros, é fundamental" (GIANNETTI, 2005, p. 40). Um exemplo conhecido de tal engano é a alucinação: ter a certeza de estar escutando a narração do gol do título mundial de 1970 da seleção brasileira protagonizado por Amarildo e correr para ligar o rádio. Outro evento proporcionado pela alucinação diz respeito aos "membros fantasmas", que ocorre quando pessoas que perderam algum membro (pernas e braços) em uma guerra ou acidente de carro, por exemplo, sentem o membro perdido como se o mesmo ainda estivesse no lugar de sempre, ileso a qualquer dano e não se trata de uma sensação simples ou aparente, mas uma sensação plena acompanhada de dor ou vontade de se levantar seguido de uma queda por não ter mais o membro que antes era de costume se apoiar. Ocorre que a vida subjetiva nega as percepções dos fatos externos.

Já no auto-engano por justificção ocorre um processo de transição entre a consciência do estar enganando e o estado do auto-engano. Os romancistas sempre compreenderam as sutilezas da autojustificção. Em *Guerra e Paz* há um episódio interessante. Depois da batalha de Borodino, o exército russo, derrotado por Napoleão, abandona Moscou – e quem pode pagar por transporte foge da cidade. A multidão, furiosa por ter sido enganada e abandonada, reuni-se diante da residência do governador, o conde Rostopchine. Percebendo a necessidade de um bode expiatório, esse sagaz oficial ordena a seus soldados que tragam um jovem preso por ter distribuído panfletos com críticas às autoridades. “Este homem”, grita Rostopchine para a multidão, “é o canalha que nos fez perder Moscou”. O jovem é uma figura patética: pobre, magro, arrastando grilhões. E, pior, espera justiça e compaixão: “Conde”, ele implora timidamente, “há um Deus que nos julga”. Mas, em vez de mostrar misericórdia, Rostopchine é tomado por um ataque de fúria: “Matem-no!”, grita para seus homens, e, a um comando apenas resmungado pelo oficial, um soldado da cavalaria atinge o jovem na cabeça com um golpe de espada. Um grito de choque e dor incita a multidão a acabar o serviço. E, enquanto ela se ocupa em socar e chutar o jovem, Rostopchine abre caminho em direção aos fundos da casa e é levado numa carruagem puxada por “cavalos velozes”.

Então começa o trabalho de autojustificção. No começo, enojado pela própria covardia e crueldade, Rostopchine treme à lembrança da menção do jovem a Deus. Mas,

pouco a pouco, se convence de que seu comportamento foi não só irrepreensível, mas necessário “para o bem comum”. Como indivíduo, teria agido de outra maneira, mas, como governador, era essencial salvaguardar a dignidade do cargo e a vida de seu atual ocupante. Em pouco tempo, ele já se cumprimentava pela astúcia de matar dois coelhos com uma só cajadada – aplacar a multidão e punir um criminoso –, e, quando chegou à sua propriedade no campo, já “recuperara totalmente a compostura”.

As reflexões do “homem subterrâneo” retratado por Dostoievski oferecem um bom ponto de partida: nas lembranças de cada homem há coisas que ele não revelará para todos, mas apenas para seus amigos, há outras coisas que ele não revelará mesmo para seus amigos, mas apenas para si próprio, e ainda somente com a promessa de manter em segredo. Finalmente, há algumas coisas que um homem teme revelar até para si mesmo, e qualquer homem honesto acumula um número bem considerável de tais coisas. Quer dizer: quanto mais respeitável é um homem, mais dessas coisas ele tem.

A opinião dos outros, contudo, por mais importante que seja para cada um, torna-se vazia e insípida se não estiver bem ancorada e sustentada pela opinião que temos de nós mesmos. A opinião dos outros é no fundo a nossa: é a opinião que temos das opiniões dos outros sobre nós. Parecer bom, cuidar e zelar para que sejamos respeitáveis perante o mundo e merecedores de aprovação alheia não basta. O decisivo é sentir-se e acreditar-se bom. O ponto cardinal para o indivíduo a sós consigo é convencer-se sinceramente de que ele é honesto no que conta por dentro e, tudo, considerado, merecedor da aprovação interna e alheia. O fulcro do auto-engano não está no esforço de cada um em parecer o que não é. Ele reside na capacidade que temos de sentir e de acreditar de boa-fé que somos o que não somos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação do ser humano consigo mesmo representa o ponto de partida para nossas crenças e paixões, ou seja, a experiência da vida tal como a vivemos é essencialmente estado mental e, como o próprio Eduardo Giannetti explica, esta relação é bastante traiçoeira. Dentro dessa relação de si consigo mesmo, oriunda, também, a forma como nos relacionamos com as

outras pessoas. Nessas relações, muitas vezes enganamos o outro e outras tantas, embora seja difícil reconhecer, nos enganamos.

Na vida cívica, por exemplo, o auto-engano é tão comum quanto respirar. A culpa e o erro são sempre práticas do outro, isso porque vivemos de forma a sempre advogar para nós mesmos. Antigamente os infortúnios eram explicados através de forças misteriosas (o sofrimento tinha um motivo e, o brinde da superação do mesmo seria revelado no fim dos tempos), hoje ninguém está preparado para assumir a culpa, ou seja, muda-se o foco da responsabilidade para ter imunidade de culpa (FOLEY, 2011).

Para Eduardo Giannetti, o auto-engano não é apenas um fenômeno intrapsíquico individual, mas pode assumir, também, dimensões coletivas: o todo pode ser igual, maior ou menor que a soma das partes; mas ele é inconcebível sem elas. O coletivo não existe por si: ele é a resultante agregada — muitas vezes com propriedades novas — da interação entre um grande número de grupos menores e indivíduos.

O auto-engano coletivo de grandes proporções, como a Inquisição ibérica, o nazismo e o comunismo soviético, é a síntese de uma miríade de auto-enganos individuais sincronizados entre si. O delírio do todo é o resultado da confluência do delírio das partes. É no microcosmo do indivíduo que encontramos o berço e o locus do repertório do auto-engano em sua espantosa diversidade.

Nos julgamentos morais o auto-engano é contínuo, frequente e incessante. Para algumas pessoas e seus julgamentos descabidos de reflexão crítica, só o título de deputado é suficiente para caracterizar um ente de corrupto. Mas será que o julgador moral diria o mesmo se o deputado fosse seu pai ou seu irmão? Nesse caso, quanto mais longe ou distante, melhor de se julgar e, quanto mais perto os erros morais parecem não ser tão explícitos. “O vagalume a um palmo do nariz brilha mais forte que a mais majestosa e cintilante estrela do universo” (GIANNETTI, 2005, p. 147).

Quando há valores morais e interesses em jogo, a neutralidade moral parece ser impossível, logo, o deus de um é sempre melhor e mais bondoso que o do outro. É o típico caso da mãe que constantemente aponta os defeitos e erros do filho da vizinha com demasiada facilidade e esquece as qualidades do mesmo, mas que não tem a mesma aptidão intelectual

para perceber que inverte o julgamento de valores morais para o seu próprio filho, ou seja, fazendo merchandising das qualidades da cria e obtusa para os defeitos.

As relações *intra humanas* (entre os membros de mesma espécie) permitem a observação e a análise do auto-engano e, assim como quase tudo, há um lado positivo e outro negativo: a tradicional faceta de mão e contramão. Se por um lado o auto-engano é a causa de vários desastres sociais e pessoais, a sua cura por completo nos causaria igualmente danos nocivos. Algumas de nossas crenças – por mais absurdas e injustificáveis que possam parecer – são capazes de proporcionar ânimo e satisfação. Alguns seguidores de religiões ou seitas têm recompensas, tais como evoluções clínicas e comportamentais de pessoas com deficiência mental através de práticas espirituais e as socializações que – ao que tudo indica – são fundamentais para os entes humanos. O ser humano totalmente curado do auto-engano seria frio e calculista, não teria sonhos e nem tentaria ousar saber o novo. Teria uma vida amarga, viveria com medo de se apaixonar e viver um grande amor, não entraria em campo porque, de qualquer forma, o adversário era o favorito. O autoconhecimento, que remonta à maiêutica socrática, é um antídoto contra o auto-engano, ainda que longe de mostrar uma eficácia completa. Acredita Giannetti que a racionalidade é “um instrumento inestimável, quando se trata de evitar equívocos desnecessários”. Mas, como ele próprio admite, “o problema é que o cálculo e a prudência — a sobriedade analítica e a acuidade psicológica do pensamento racional — tornam-nos irremediavelmente céticos e mesquinhos diante das ambições humanas de criação e grandeza”. Não é só o que o auto-engano provoca. Os feitos dos grandes criadores da humanidade alimentam-se de auto-engano: “Sob o olhar gelado da razão, os meios esfriam e os fins definham. Mas o criador não cede. Uma estranha força, mais forte que ele, ilumina, irradia e inflama sua mente. A certeza subjetiva de vitória que o impele à frente, embora falsa para a maioria, fala mais alto que a opressiva probabilidade objetiva do fracasso. Mais:

Sonhar e acreditar no sonho são o sal da vida. Não há nada de errado, em princípio, em apostar alto na vida privada ou na vida pública, correr o risco no amor, na política, nos negócios, na arte ou no que for o caso. O comportamento exploratório – ousar o novo, tentar o não tentado, pensar o impensável – é a fonte de toda mudança, de todo avanço e da ambição individual e coletiva de viver melhor. Viver na retranca, sem esperança e sem aventura, não leva ao desastre, é verdade, mas também não leva a nada. Pior:

leva ao nada da resignação amarga e acomodada que é a morte em vida – o niilismo entediado, inerte e absurdo do “cadáver adiado que procria”. O problema não está em sonhar e apostar, mas na qualidade do sonho e da natureza da aposta. O melhor dos mundos seria combinar o ideal prático da coragem das nossas convicções, quando se trata de agir, com o ideal epistêmico da máxima frieza e distanciamento para atacar e rever nossas convicções, quando se trata de pensar. É o que propõe, de certo modo, Goethe: “existe uma reflexão entusiástica que é do maior valor, contanto que o homem não se deixe arrebatar por ela”. Uma quadratura virtuosa do círculo: a paixão medida. (GIANNETTI, 2005, p. 144)

Um exemplo caro a Giannetti é o francês Paul Gauguin, que abandonou a mulher, os filhos pequenos e um emprego rentável de corretor de ações para se dedicar exclusivamente à pintura nas ilhas do Taiti. As chances de vir a se tornar um dos gênios da pintura não eram garantidas para Gauguin, como não são para nenhum artista. Sua decisão só pôde ter sido movida por uma espécie de auto-engano, que, contra todas as evidências, mostrou-se correto com o tempo. Por isso, Giannetti diz que “justificar a sua decisão apenas em retrospecto e à luz do sucesso obtido na empresa é fugir da questão”. Em outras palavras: “Condenar todos os que perderam a aposta só porque perderam-na em retrospecto significaria condenar Gauguin a não apostar — a não arriscar tudo para se tornar Gauguin”.

O segredo – ao que tudo indica – é a convivência de ambos sem o exagero ou o excesso, porque se a vida auto-enganada é essencial para uma experiência mundana plena e singular, o engano em demasia pode resultar em uma vida de fracassos. E qual é o problema de viver enganado, uma vez que o engano deixa o ente feliz? O problema é que a vida tem a estranha mania de quebrar ilusões e, quando isso corre, acaba sendo pior do que a verdade em si. Só se achar feliz e realizado não é suficiente: se estamos com fome, achar que estamos comendo um manjar dos deuses não resolverá o problema.

BIBLIOGRAFIA

DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FOLEY, Michael. *A era da loucura: como o mundo moderno tornou a felicidade uma meta (quase) impossível*. Tradução de Eliana Rocha – São Paulo: Alaúde Editorial, 2011.

GIANNETTI, Eduardo. *O auto-engano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MAIA, Jefferson

GIANNETTI, Eduardo. *A ilusão da alma: biografia de uma ideia fixa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GLEISER, Marcelo. *Criação imperfeita: cosmo, vida e código oculto da natureza*. 5º edição – Rio de Janeiro: Record, 2012.

GLEISER, Marcelo. *A dança do universo: dos mitos de criação ao big-bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HARRIS, Sam. *A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão*. Tradução de Marcos Anchieta – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HITCHENS, Christopher. *Deus não é grande*. Tradução de Amélia Martins – Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2007.

LUFT, Lya. *O tempo é um rio que corre* - Rio de Janeiro: Record, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira*. Org. e Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de Antônio Carlos Braga – São Paulo: Relume Dumará, 2003.